
O MORGADO DA QUINTA DA FONTE DO ANJO

CAPÍTULO V

Francisco Coelho Cardoso (6), natural de Lamego, tornou-se secretário nos Capítulos Gerais e visitador da Ordem de Santiago, por influência do seu tio Pero (ou Pedro) Coelho, secretário de D. Jorge de Lencastre²⁰⁸, mestre das ordens militares de Santiago e de Avis. Outra fonte consultada²⁰⁹, indica que Francisco Coelho Cardoso era filho de António Coelho Gasco (8), natural de São Lourenço, Azeitão. Sendo natural de Lamego ou de Azeitão, o que é certo é que casou com Ana Mendes (5), filha de Brás Afonso (4) [falecido antes de 1510]²¹⁰, provedor da Câmara de Setúbal e de sua mulher Catarina Mendes (3). Após o casamento, Francisco Coelho Cardoso e Ana Mendes criaram, a 11 de outubro de 1558 o morgado do Casal da Quinta do Anjo²¹¹, mais concretamente *Capela e Morgado*.

Esta é a história que se conhecia até agora, no entanto, com a ajuda da documentação coligida pelo historiador João Costa, podemos ir um pouco mais atrás, mas a história é confusa e precisa de ser comprovada.

Assim temos que, no séc. XV o rei D. João II ofereceu uma herdade, no termo de Palmela, a Álvaro de Barros (ou Barrios), porteiro régio da câmara do Rei. Não sei bem qual seria a função do porteiro, mas a prenda parece-me boa.²¹² Essa herdade, que à época foi avaliada em 3\$500rs²¹³, é vendida a João Afonso Moscacho, mas essa venda, por alguma razão, é considerada ilegal. Só que, entretanto, já Moscacho a tinha vendido a Afonso Mendes (1), juiz e morador em Palmela. Numa carta régia de 15.8.1491, D. João II anula a venda da tal herdade, mas para complicar um pouco mais a história, surge um tal de Rodrigo Afonso Moscacho (talvez familiar do outro Moscacho), vereador em Palmela a requerer a mesma herdade ao rei. Confuso? Absolutamente.

Este tal de João Moscacho já tinha dado trabalho à justiça, quando em 1484 esteve envolvido numa zargata e uns anos depois deixou fugir uma manceba que tinha à sua guarda, mas isso são outras histórias. Talvez o homem tivesse azar na vida.

Não sei como desataram o nó, mas nos documen-

tos posteriores, Afonso Mendes continua proprietário de uma herdade no termo de Palmela, que deixa à sua filha Isabel Afonso (2), que mais tarde passa para a sua neta Catarina Mendes, que deixa em testamento ao seu neto Pedro Coelho Cardoso (10), 2.º morgado, filho de Ana Mendes (5) e de Francisco Coelho Cardoso (6), duplicando assim a área da propriedade.

A LENDA DA FONTE DO ANJO

A quinta deve o seu nome à fonte do Anjo que se situa relativamente próximo da casa principal da quinta. Existem várias fontes espalhada pela serra, já os documentos medievais falam nelas e na importância de as preservar, mas esta fonte é diferente das outras. Aqui estamos na presença de uma situação idêntica ao enigma de quem nasceu primeiro: o ovo ou a galinha.

Existe uma lenda associada a esta fonte, e essa lenda é baseada na inscrição em latim que foi colocada sobre a fonte. A questão é saber se a lenda já existia antes da construção ou se foi a inscrição que deu origem à lenda. A lenda pode ser um bonito exercício de poesia, ou pode ser a transcrição para poesia de uma crença verdadeiramente antiga.

Seja como for, as lendas são fascinantes e, acredite-se ou não, devem continuar a existir. A casa de fresco que abriga a fonte deverá ter sido construída antes de 1568, o que torna este pequeno abrigo na mais antiga construção – comprovada – da aldeia, logo a seguir às grutas funerárias do Casal do Pardo. Não só isso, como também reflete um estilo erudito, arriscaria em designá-lo de maneirista, um estilo inspirado na arquitetura clássica grega, onde às linhas geométricas se junta alguma decoração inspirada na natureza. Não fica nada atrás de outras casas de fresco existentes nas quintas da nobreza em Lisboa.

Atualmente a fonte não está aberta ao público e faz parte de uma propriedade privada, mas quando a visitei em janeiro de 1995, encontrava-se em mau estado de conservação. Desde então parece ter sido restaurada.



40 Aspeto atual da quinta. Em primeiro plano à esquerda, a casa de fresco da Fonte do Anjo. Março 2020



41 O pombal da quinta. Março 2020.

CASA QUE TRAZ CATARINA MENDEZ (3) *forreira*, é assim que começa o item sobre a *mulher que foy de Bras Afonso* e que na visitação de 1510 surge como foreira de uma casa da Ordem de Santiago situada ao lado *das casas de Pero de Lixboa (...)* e *tem de comprido seys varas e meia e de lomgo tres varas e meia e tem um piqueno desobrado (...)* e paga de foro por ano 60 reais e uma galinha, pago tudo no dia de *Sam João*.²³³

O QUE É UM MORGADO?

Os morgados foram uma forma institucional e jurídica, muito popular, criada no séc. XIII para os nobres preservarem os seus territórios, herdades ou quintas ligados perpetuamente à sua descendência. Os morgados não podiam ser vendidos ou doados, não podiam ser divididos, e o seu beneficiário só poderia usar a receita gerada pelas terras, explorando-as ou alugando-as a terceiros. O morgado eram transmitidos de geração em geração, de pai para o filho mais velho. Só quando não existiam filhos, passaria para as filhas.

Mais tarde surgiram as «capelas» e passou a designar-se de «capela e morgado» no caso em que, além da herdade juntava-se a obrigatoriedade de celebrar missas e outros serviços religiosos. Este era o caso do morgado da quinta do Anjo, mas a capela só foi construída 80 anos mais tarde.

Quando se criavam um morgado era obrigatório enviar à Torre do Tombo uma cópia da documentação.²³²

No séc. XIX começou a haver contestação aos morgados por serem um entrave ao desenvolvimento económico e a 19 de maio de 1863 foram completamente abolidos, com exceção do morgado de Bragança, pertencente à família real.

O tio de Francisco Cardoso (6), Pero Coelho, tinha um morgado em Azeitão e em torno da Quinta do Anjo existiam pelo menos mais dois, o da Várzea e o de Chuanes (ou Chibanes).

Na lápide está inscrito em latim o seguinte texto:

*Irar(um) phialam diffudit fontibus olim
Angelus et rubram sanguine fecit aquam.
Ensifer aethereis deiecit sedib(us) hostem,
Fontis adest custos angelus iste tibi.
Sic placitum antiquis tali de nomine fontem
Dicere ne pereat qui bibit eius aquam.
1568*

A tradução para português é mais ou menos assim²¹⁴:

*Um anjo derramou outrora sobre as fontes a taça das iras
e tornou a água rubra com o sangue.
O portador da espada afastou o inimigo dos assentos
etéreos, este anjo está presente para ti como guarda da
fonte.*

*Assim aprouve aos antigos chamar à fonte com tal nome,
a fim de que não pereça quem bebe da sua água
1568*

O que basicamente resume-se a:

Um anjo (mau) deitou sobre as fontes um veneno que tornou a água vermelha como o sangue. Outro anjo com uma espada, afastou o inimigo e agora guarda a água da fonte para que tu a possas beber. Por isso as pessoas antigas chamaram a esta fonte a Fonte do Anjo, para que ninguém adoença se beber desta água.

E A QUINTA DA FONTE DO ANJO?

Marques da Costa descreve assim a aldeia e a quinta na visita que fez no início do séc. XX²¹⁵:



42 Casa de fresco dentro da qual se encontra a Fonte do Anjo e a lápide com a inscrição traduzida aqui ao lado. Agosto 2020.



43 A Fonte do Anjo. Na parede ao fundo vê-se a placa gravada em latim, ao centro a estátua do anjo Miguel muito danificada. Janeiro 1995

Seguindo a estrada a macadam de Palmella para Azeitão, (...) encontra-se a povoação da Quinta do Anjo, formada por tres grupos de casaes que se estendem pela encosta setentrional da serra. O grupo de casaes mais ao sul fica em uma pequena colina muito alongada ou cerro de calcareo miocenico, paralelo ás serras do Louro e Torres Altas, e tem o nome de Aldeia de Cima de que faz parte o casal do Pardo, o mais oriental da aldeia. Esta povoação tem seu nome derivado da Quinta e Fonte do Anjo (...).

A dita fonte é resguardada por uma rotunda dentro da qual se vê a estatua marmorea de um anjo, que, segundo uma inscripção lapidar em latim embutida na parede do fundo da rotunda, «foi dado para guarda d'esta fonte, que os antigos denominaram do anjo para que não tenham perigo os que beberem das suas aguas» a inscripção tem a data de 1568.

Noutra descrição feita por Joaquim Rasteiro, publicada em 1897²¹⁶ temos que:

Na quinta Velha, da casa Palmella, sobre o portão da casa há um brasão dos Coelhos. O escudo pende diagonalmente como que de duas correias, que saem de um elmo, que está de frente: no centro um leão; no canto esquerdo superior uma estrella de cinco raios; na orla cinco coelhos. Esta casa era o solar do morgado, fundado por Pedro Coelho, secretario do mestre D. Jorge e por sua mulher Margarida Cotta e que foi dos Sousas Calharizes pelo casamento de D. Leonor de Melo Coelho com D. Antonio de Sousa.

Na capela da Quinta do Anjo, e que hoje pertence à casa dos Duques de Palmela, ha uma campa em que se lê: N'esta capella se mandou depositar o padre Jacintho de Mello descendente dos senhores d'este morgado da Fonte do Anjo para ser trasladado para a capella maior do convento dos padres agostinhos, a que deixa dado principio na villa de Setubal, tanto que capaz de se poder fazer esta trasladação.²¹⁷

Parece que tal promessa nunca foi cumprida e os restos mortais do padre Jacinto de Mello (21) continuam na capela da quinta. O convento que se refere era o convento dos Agostinhos Descalços, mais conhecido pelo convento dos Grilos. Resta saber quem era Margarida Cota que supostamente casou com Pedro Coelho (10)? Fica por resolver numa próxima edição.